

O AUTISMO COMO UMA FORMA DE SER

Laina de Almeida Gatte¹
Sara de Oliveira Gomes Barreto²

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por indivíduos que apresentam *déficits* nas interações, comportamentos e emoções. Estes indivíduos apresentam necessidades de padrões e rotinas, e interesses incomuns. O objetivo deste artigo é trazer a perspectiva do próprio autista sobre suas dificuldades, sobre seu modo de viver e como eles interiorizam e processam tudo o que vivem. É uma pesquisa com base narrativa, escrita através de dados de pesquisas científicas, de artigos, de uma autobiografia de uma autista e de uma dissertação de mestrado escrito na primeira pessoa. Foram abordados alguns aspectos para descrever como o indivíduo autista se vê e se sente perante a sociedade, buscou-se entender como são suas áreas sensoriais, na qual foram escolhidas três delas para serem estudadas (a visão, a audição e o tato). Discorreu-se também sobre a interação social desses indivíduos que, na maioria das vezes, apresentam um *déficit*. Falou-se sobre a necessidade de padrões e rotinas que eles apresentam também, o que em grande parte do tempo traz desconforto não só para os indivíduos com TEA, mas para a família e para as pessoas que convivem com eles. Foi detectada uma carência nesse assunto, pois as pessoas, de forma geral, não têm consciência de como se dá a percepção de um autista, o que pode dificultar a compreensão do mesmo por parte da sociedade e seu convívio.

Palavras chaves: Autismo; Percepções sensoriais; Sociedade e pessoas com TEA.

¹ GATTE, Laina de Almeida. Graduada em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira de Juiz de Fora, MG, 2017.

² BARRETO, Sara de Oliveira Gomes. Mestre pela Pós Graduação em Linguística da UFJF, Juiz de Fora, MG, 2017.

1 Introdução

De acordo com DSM-5, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por indivíduos que apresentam déficits persistentes nas interações e comunicações sociais, déficits em reciprocidade emocional, na comunicação verbal e não verbal, em desenvolver, manter ou compreender relacionamentos. Além disso, esses indivíduos que apresentam TEA revelam padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses incomuns no que tange a utilidade de objetos ou atividades, movimentos repetitivos e estereotipados, inflexibilidade em suas rotinas seguindo padrões, interesse fixo e limitado, hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais. Todas essas características manifestam-se dentro de um espectro, de forma que se revelam mais ou menos marcantes neste ou naquele indivíduo, podendo, inclusive, algumas delas, nem ser percebidas em certos indivíduos com TEA. Estes sintomas devem ser recorrentes e se dar em um nível inconsistente com o período de desenvolvimento e trazer prejuízos clinicamente significativos para o desenvolvimento da pessoa com TEA.

Existem ainda, classificações segundo o nível de gravidade do transtorno, podendo o TEA ser classificado em nível 1, aquele que exige apoio (leve); nível 2, exige apoio substancial (moderado); e nível 3, exige apoio muito intenso (grave). Os autistas podem ser considerados pessoas atípicas, ou seja, pessoas que não se adequam ao “normal”, a um padrão que a sociedade impõe, são pessoas incomuns, anômalas ou irregulares. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas, ou seja, 1% da população é diagnosticada dentro da Síndrome do Espectro Autista. (ONUBR, 2015).

O indivíduo, para ser considerado autista, precisa apresentar um tripé composto por falha na comunicação e/ou linguagem, interesses restritos e dificuldades em socializar e comportamentos estereotipados e repetitivos, a criança deve apresentar este sintomas antes dos 36 meses podendo até então ter um desenvolvimento “comum” (WING apud GIKOVATE; CONCEIÇÃO, 2010, p. 123).

Sobre a etiologia do autismo, há estudos que alegam tratar-se de um transtorno de ordem genética, de forma que não existe cura. Quando o transtorno é identificado precocemente, o indivíduo, dependendo do caso, pode ter um desenvolvimento melhor quando há estimulação desde cedo.

Foi pensando nesse modo de viver autista que o presente artigo foi elaborado, pois como foi dito, esse espectro engloba características atípicas, as quais causam prejuízos ao

convívio em sociedade. Também tem como foco estudar os autistas de alto funcionamento, com os quais é possível uma troca de informações maiores, já que eles apresentam maior possibilidade de interação. Muitos desses indivíduos são aqueles que eram considerados como Aspergers no antigo DSM-IV, hoje, no DSM-5, são classificados como indivíduos com TEA, em grau leve. Buscaremos compreender como se dão suas relações e como eles lidam com determinadas situações do dia a dia. Para isso, abordaram-se algumas anormalidades sensoriais que influenciam diretamente em como esse indivíduo se sente e age em nossa sociedade, sendo eles a visão, a audição e o tato. Foram abordados também os problemas e as dificuldades que estes indivíduos apresentam em relação à interação social e, por fim, falaremos sobre a necessidade dos indivíduos com TEA de se organizar através de padrões e rotinas, muitas vezes, inflexíveis.

Através deste artigo, busca-se compreender a pessoa com TEA (nível leve), entender a forma como ele se vê perante a sociedade, como ele se sente perante situações diferentes, como ele interioriza as situações e como ele lida com suas emoções, ao compreender um pouco deste modo de viver autista, espera-se que se promova um maior respeito ao mesmo.

2 Metodologia

Foi empregada como metodologia a Revisão Narrativa, o trabalho foi desenvolvido através de leituras e relatos dos próprios autistas ou da visão dos mesmos. O material selecionado baseia-se na caracterização do Transtorno do Espectro Autista; a visão do autista perante a sociedade e seus ideais; como o indivíduo autista se relaciona com os outros; os problemas sensoriais das pessoas autistas, problemas de interação social, problemas com padrões e rotinas. Utilizou-se um livro escrito pela autista Temple Grandin, “Uma menina estranha” (1999), no qual a autora relata sua vida, suas emoções e seus sentimentos; foram usados também artigos e a dissertação de mestrado de Clara Feldman, Relatos sobre autismo: narrativa em primeira pessoa (2013).

As bases de dados usadas foram o PubMed e Scielo. Também foram usados artigos publicados em importantes jornais on-line de psiquiatria, neurologia e psicologia. As palavras chave usadas foram: autismo, percepções sensoriais, sociedade e pessoas com TEA.

A partir da metodologia de Revisão Narrativa, o presente artigo tem como objetivo reunir conhecimentos, sintetizar e resumir uma gama de publicações científicas a fim de proporcionar uma melhor compreensão atual aos leitores (ROTHER, 2007).

3 Aspectos sensoriais

3.1 Visão

O indivíduo autista apresenta uma sensibilidade visual maior do que a das pessoas típicas, segundo Kimberly. B Schauderet al (2013) foi estudada a percepção visual em crianças com e sem TEA, sendo constatado que as crianças dentro do espectro mostraram uma capacidade maior do que as crianças típicas em identificar os movimentos que apareciam na tela em alto contraste. Não foi constatada uma justificativa sintomatológica, ou seja, a sensibilidade visual não é um sintoma que caracteriza o TEA, esse sintoma pode ser apenas um traço do autista. A partir desses dados, depois de uma longa pesquisa, foi realizada uma associação com os comportamentos de desequilíbrio excitatório e inibitório dos indivíduos autistas, e chegou-se à conclusão de que esses comportamentos podem ser vinculados aos déficits sensoriais na região cortical. Outra justificativa para esse comportamento seria a de que, como o indivíduo com TEA apresenta uma sensibilidade visual maior à iluminação, esses indivíduos captam as imagens mais rápido que indivíduos típicos, sendo assim, eles recebem muita estimulação visual simultaneamente, o que causa desconforto visual, resultando em comportamentos de desequilíbrio excitatório ou inibitório.

Vale ressaltar o que são esses comportamentos que, frequentemente são apresentados pelos autistas. O desequilíbrio excitatório pode ser classificado por comportamentos agitados, comportamento de exaltação, como ficar andando de um lado para o outro ou se balançando muito e batendo a cabeça, por exemplo. O desequilíbrio inibitório apresenta comportamentos contrários ao anterior, aqui o indivíduo apresenta um bloqueio, um embotamento comportamental, o que pode ser observado em autistas mais calados e quietos, aqueles que vivem voltados para si.

Outra característica verificada em indivíduos com TEA, em geral, é a visão/ percepção fragmentada das coisas, das pessoas e das situações, eles apresentam dificuldades para conceber o todo. Alguns deles apresentam dificuldades de enxergar, para eles, é necessário

explorar os outros sentidos para que consigam realmente entender e “ver” a situação. Segundo o autista Paul Isaacs (2013) fala sobre essa dificuldade em um dos seus artigos, ele exemplifica situações pelas quais passou, não conseguir identificar coisas ou pessoas apenas com o olhar, ele precisava usar o tato, tocando nessas pessoas ou objetos para conseguir identificá-los.

Conforme Clara Feldman (2013, p. 63), a autista Liane relata com mais detalhes a sensibilidade de sua visão.

[...] Luzes fortes, a luz do sol, luzes estroboscópicas, fluorescentes entre outras machucavam minha vista. Juntas, o barulho e as luzes sobrecarregavam demais meus sentidos, me sentia muito mal. Saía correndo para buscar um lugar seguro e protegido. Com frequência, ficava com os sentidos sobrecarregados e tinha rompantes e ataques de ansiedade.

De acordo com Temple Grandin (1999), autista, relata acerca de sua sensibilidade visual, dizendo que alguns estímulos que recebe parecem vários flashes seguidos em seus olhos, trazendo um incômodo e desconforto enorme, deixando-a, muitas vezes, desorientada.

3.2 Audição

A parte responsável pela audição no cérebro humano - o córtex auditivo - localiza-se na parte superior do lobo temporal. Segundo Nathalie Boddaert et al (2004), através de sons complexos de falas, constatou-se uma disfunção em cérebros autistas, nos quais ocorre menos ativação nesta rede temporal do que em indivíduos típicos. Pode-se associar essa disfunção ao problema com a linguagem, pois um dos lugares onde ocorre menor ativação do cérebro de pessoas com TEA é o hemisfério esquerdo onde se inclui a área de Wernicke, região responsável pelo conhecimento, interpretação e associação das informações.

Alguns autistas apresentam dificuldades em compreender alguns estímulos auditivos, em detectar sua origem, seu teor e seu significado. A pessoa com TEA, muitas vezes, apresenta dificuldade em diferenciar o tom da voz do outro e a emoção transmitida por ele e também em produzir expressões distintas de felicidade ou tristeza. Em geral, são muito literais e, não raro, não conseguem entender metáforas, compreendendo-as no sentido denotativo.

Existem também indivíduos com hipersensibilidade sonora, segundo Clara Feldman (2013, p. 58), o autista Daniel revela.

Às vezes, sou capaz de escutar todas as palavras que estão sendo ditas nos diálogos, mas, mesmo assim, sou incapaz de responder adequadamente. Para mim, é impossível ler as entrelinhas. Assim como é muito difícil saber responder a questões que simplesmente não aparecem de forma explícita na conversa. Sempre escuto as coisas literalmente.

De acordo com Clara Feldman (2013), a autista Liane também revela que alguns barulhos são impossíveis de suportar, ela afirma que sons agudos arranham seus nervos, assobios, ruídos partidos, flautas, trompete ou qualquer barulho parecido com esses, a irritam bastante, tirando sua calma.

3.3 Tato

Conforme Mark Mikkelsen et al (2016) a anormalidade sensorial tátil nesses indivíduos ainda não está esclarecida. O que se sabe é que, ao estudar essa variável, é importante levar em consideração o processamento sensorial que envolve algumas etapas como a conversão de informações recebidas, informações elétricas sensoriais da pele se dirigem às partes responsáveis por receber e processar esses estímulos no cérebro. Os dados biológicos podem contribuir para a compreensão das diferenças de cada caso, a variabilidade observada na sensibilidade de cada autista também tem a ver com a gravidade de seus sintomas. Com a combinação desses dados biológicos e a compreensão do caso clínico do indivíduo, pode-se ter uma hipótese clínica para a compreensão das anormalidades táteis de cada indivíduo.

Segundo o DSM-5, esses indivíduos apresentam hiper ou hipossensibilidade, ou seja, alguns indivíduos com TEA se apresentam muito sensíveis, o que pode gerar comportamentos auto-prejudiciais e agressivos e, outros, muito insensíveis, podendo se auto-mutilar sem sentir dor, por exemplo.

De acordo com Clara Feldman (2013), Liane conta que às vezes não suporta o toque ou a aproximação física, porém ela é casada e sabe que “precisa obedecer a alguns padrões que um relacionamento impõe”, então, Liane fez uma lista de comportamentos de atos que, para pessoas típicas, costumam ser espontâneos e, para ela, não são, para que possa se lembrar

de realizá-los no cotidiano, atos como, por exemplo, segurar as mãos de Tom (seu marido) por 5 minutos todos os dias e abraçar Tom três vezes ao dia.

Temple Grandin (1999) também explora sua experiência tátil, desenvolveu uma máquina a qual exerce uma pressão no indivíduo que entra nela, o que, para Temple, era uma sensação de alívio e prazer.

Vale ressaltar a importância da subjetividade de cada indivíduo, especialmente nos autistas, não há como mensurar suas características e seu jeito de ser. O que está sendo apontado neste artigo são algumas de suas características, de forma geral, mas, para que se possa entender a pessoa com TEA, é preciso um acompanhamento individualizado. O autismo ainda é uma incógnita, pois não se sabe sua etiologia, não se tem uma precisão acerca de seus déficits sensoriais, de forma que este artigo traz alguns estudos e relatos, o que ainda se mostra muito restrito relativamente a tão amplo e desconhecido assunto.

Quando se trata do indivíduo autista, é importante não definir suas características apenas em se tratando de seus déficits sensoriais, por isso, na próxima seção, trata-se de um assunto muito importante, o qual é um dos grandes traços dos autistas, problemas de interação social.

4 Interação Social

A interação social, de forma geral, constitui um grande obstáculo para os indivíduos que apresentam TEA, pois eles parecem não apresentar relação de empatia para com o próximo. Quando se trata de um indivíduo autista, esse aspecto é tão importante que é um dos requisitos apresentados no DSM-5 para se diagnosticar o transtorno. De acordo com o DSM-5, os autistas vão apresentar déficits na reciprocidade sócio-emocional, nos comportamentos não verbais e no processo de se relacionar e manter esses relacionamentos. Apresentam também um interesse bem restrito relativamente a objetos ou a assuntos, fazendo com que tudo que não seja de seu interesse seja-lhe um assunto indiferente.

Outro ponto que maximiza o problema de interação social é o comprometimento que eles apresentam relativo a comunicação. Para manter uma conversa com indivíduos com TEA é preciso ser bem específico e preciso, de forma geral, não compreendem metáforas, não conseguem expressar ou entender os sentimentos nas falas, o que gera um bloqueio para manter a conversa. Pode ocorrer também de o indivíduo com TEA não estar interessado em

ter uma conversa com o outro e resolver não dar continuidade ao assunto, não por ser deseducado, e sim, por não saber as normas e padrões que devemos utilizar, quando das trocas comunicativas com as outras pessoas. Segundo Clara Feldman (2013, p. 56 e 57), a autista Liane exemplifica uma de suas dificuldades de comunicação.

É comumente sabido que homens e mulheres têm problemas de comunicação, no entanto, por ser Asperger, minha situação é mais complicada. [...] Para que eu possa entender, preciso de mais de uma palavra. Um jeito sucinto de se expressar pode não ser suficiente para mim. Mas, às vezes, até as frases mais detalhadas são difíceis de compreender. [...] Posso escutar as palavras que saem da boca das pessoas, mas simplesmente não consigo captar o significado delas. [...] Por muito tempo acreditei que todas as pessoas fossem assim.

Existem autistas de alto funcionamento que conseguem filtrar esse desinteresse, compreendendo que é importante se preocupar com o outro e reconhecendo suas limitações, sendo assim, mais fáceis de aprender a lidar, estabelecendo uma boa interação social na medida do possível.

Conforme a descrição de Clara Feldman (2013, p. 76-77), a autista Liane relata.

Não estou sendo antipática somente me contento rápido. Eu tenho amigos, mas acho importante enfatizar que muitos Aspergers, podem nunca desenvolver laços próximos de amizades, mesmo aqueles que aprendem a ser menos egocêntricos, aprenderam a ler mensagens não verbais, que aprenderam a expressar seus desejos e vontades de maneira adequada, ainda sim podem continuar mantendo suas fronteiras intocáveis. A amizade pode ser de diferentes formas e tamanhos, podem ser casuais e breves ou duradoras. Recomendo aos Aspergers que procurem grupos que partilham os mesmos interesses. Isso talvez ajude.

Clara Feldman (2013) relata que o autista Daniel para responder à demanda do convívio social, usou como ferramenta um programa de computador no qual simulam conversas com seres humanos, programa que segue um caminho lógico para chegar às respostas adequadas. Porém nem sempre os resultados soam naturais. Daniel relata que se

comporta muito melhor com máquinas, ficando claro para ele que as pessoas típicas têm habilidades de conversação muito além das dele.

Segundo Clara Feldman (2013) em relação às filhas, Liane afirma que não quer que as filhas cresçam achando que elas precisam ser sozinhas como a mãe, e que não gostaria que as mesmas sentissem vergonha por ela preferir ficar em casa sozinha. Sobre o marido, ela conta que ele encontrou um jeito de aceitá-la da maneira dela, sempre a apoiando e tendo paciência em suas crises.

Temple Grandin (1999) relata seus problemas com interação social. Também era uma menina que não tinha amigos e não estabelecia vínculos extra-familiares, mas conseguiu vencer esse paradigma com o passar dos anos, quando ficou mais velha, passando até dar palestras. Apesar de sofrer muito no início, com o tempo, ela foi se sentindo mais calma e mais segura.

Como foi visto nesta seção, apesar das dificuldades, que são muitas, alguns indivíduos com TEA conseguem lidar com os problemas de interação social, eles se adaptam e utilizam ferramentas para viverem da melhor maneira possível. Outro aspecto que será abordado nesse artigo é a necessidade que esses indivíduos apresentam de aderirem a rotinas.

5 Rotinas

A necessidade de padrões e rotinas é característica marcante nos indivíduos com TEA. Essa característica é descrita em relatos de pessoas autistas, que a apresentam, na maioria das vezes, em um grau bem elevado. Em geral, pessoas com TEA precisam saber tudo que irá acontecer com eles durante o dia, desde quando irão se levantar, o tipo de roupa que irão vestir, os alimentos que serão ingeridos até as atividades e os caminhos que irão percorrer. Vale ressaltar que, pela necessidade de padrões, esses indivíduos tendem sempre a optar por roupas, comidas, caminhos e atividade a que já estão familiarizados, ou seja, acostumados a usar/ fazer. Quando isso muda, pode haver grande transtorno para o autista e até mesmo para a família, pois ele pode apresentar comportamentos excitatórios e até mesmo agressivos.

Temple Grandin (1999) descreve que sempre teve muita necessidade de rotina, e que, quando mudou de escola, a adaptação foi muito difícil. Relata que sempre procurava fazer as mesmas coisas que fazia na antiga escola, como se encontrava em um colégio interno, até a posição da cama em que iria dormir ela teve que adaptar para ficar o mais parecido possível

com o que ela estava acostumada. Conta também que sempre usava as mesmas roupas para tentar não sair do padrão que costumava viver, o que muitas vezes era motivo de chacota.

Conforme Clara Feldman (2013, p. 65-66), o autista Daniel descreve seus hábitos.

Tenho uma necessidade quase obsessiva por ordem e rotina, que afeta todos os aspectos da minha vida. Por exemplo, eu como exatamente 45 gramas de mingau de aveia toda manhã e uso balança eletrônica para medir com perfeição. Também conto o número de itens de vestimentas que vou usar antes de sair de casa. Fico ansioso, se não consigo tomar meu chá na mesma hora, todos os dias.

Clara Feldman (2013) relata também, que Liane tem dificuldade em mudar a rotina, conta que odiava passeios, principalmente conhecer lugares novos, era-lhe custoso sair de casa, pois a mesma se sentia mal e frequentemente vomitava no caminho. Já sua casa era um ambiente confortável para ela, pois ali ela tinha previsibilidade, sabia onde tudo estava. Afirma ter dificuldades em quebrar a rotina, pois, a estabilidade rotineira a deixa confortável e segura.

6 Considerações finais

O presente artigo pretendeu destacar um pouco da percepção do indivíduo com TEA sobre si mesmo e sobre a sociedade. Foram abordadas algumas dificuldades que são rotineiras em suas vidas e que, não raro, relacionam-se com aspectos de sua personalidade. É de suma importância ressaltar que cada indivíduo apresenta sua subjetividade, o que extrapola as características do transtorno, de forma que não se pretende, e nem é possível definir a pessoa com TEA através de padrões.

O artigo trouxe no tópico 3 algumas dificuldades sensoriais que esses indivíduos apresentam, em relação a visão, ao tato e a audição. Através de estudos e de relatos de autistas, consegue-se perceber que a maneira como esses indivíduos vêem as coisas costuma ser diferente da de pessoas típicas, podendo ser mais complexas, às vezes dolorosa e de difícil compreensão. A audição de autistas traz a eles algumas dificuldades, pois nesses indivíduos a parte responsável pela audição no cérebro é menos ativa do que em pessoas típicas, além

disso, os autistas podem não compreender a fala do outro, não sabendo diferenciar a entonação da voz e as emoções subjacentes, além de apresentar a tendência a compreender os enunciados de forma literal. O tato que para os autistas, também pode ser um grande inimigo, pois pessoas com TEA podem apresentar hipo ou hipersensibilidades, o que traz grande desconforto e podem gerar diversas respostas para tais estímulos, prejudicando a si próprio em muitas situações.

No tópico 4 pode-se perceber que os autistas, de forma geral, apresentam um comportamento de embotamento e falta de empatia, dificultando relacionamentos e interações sociais.

O tópico 5 ressalta a necessidade de padronização e rotina, o que determina comportamentos metódicos e rotineiros

Esse artigo teve como objetivo trazer a perspectiva do indivíduo com TEA para mostrar que o autismo é uma maneira de viver, tendo suas particularidades e seus diferenciais, de forma que essas pessoas precisam da compreensão de indivíduos típicos para tornar suas rotinas menos dolorosas.

Vale ressaltar que o tema precisa de muita exploração, já que há pouco material e recursos sobre o assunto, bem como relatos na perspectiva do autista, por isso houve grande dificuldade para se elaborar o artigo, embora o tema apresente grande importância para o desenvolvimento da sociedade como um todo.

7 Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5**. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al; revisão técnica Aristides Volpato Cordiolo. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014. 948p.

BODDAERT, N., CHABANE, N., BELIN, P. et al. Perception of complex sounds in autism: abnormal auditory cortical processing in children. **The American Journal of Psychiatry**, Orsay, v. 161 (11), p. 2117-2120, novembro de 2004. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15514415>>. Acesso em: 5 set. 2017.

FELDMAN, C. **Relatos sobre autismo: um estudo sobre narrativas em primeira pessoa**. 2013. 97p. Dissertação (Pós-graduação em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6315>. Acesso em 9 Março. 2017.

FOSS, J., TADIN, D., SCHAUDER, K. et al. A Substantial and Unexpected Enhancement of Motion Perception in Autism. **The Journal of Neuroscience**. Tennessee, Articles, Behavioral/Cognitive, v. 33 (19).p 1608, maio de 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.1608-12.2013>>. Acesso em: 8 set. 2017.

GRANDIN, T.; SCARIANO, M. M. **Uma Menina estranha: autobiografia de uma autista**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 200p.

ISAACS, P. **Why I Have Autism (Rather Than Asperger's Syndrome) And The Importance In The Differences**. Londres, fevereiro de 2015. Disponível em: <<https://theisaacs22.wordpress.com/2015/02/13/why-i-have-autism-rather-than-aspengers-syndrome-and-the-importance-in-the-differences/>>. Acesso em: 5 set. 2017.

MARCO, E., HINKLEY, L., HILL, S. et al. Sensory Processing in Autism: A Review of Neurophysiologic Findings. **Pediatric Research**. Califórnia, v. 69, p. 48R-54R, maio de 2011. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3086654/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

NA, P., WODKA, E., TOMMERDAHL, M. et al. Impaired tactile processing in children with autism spectrum disorder. **Journal of Neurophysiology**. Maryland, v. 111, n. 9, p. 1803-1811, maio de 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24523518>>. Acesso em: 5 set. 2017.

ROTHER, E. T. Revisão Sistemática X Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.20, n.2, p. 2, junho de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001>. Acesso em: 02 de maio de 2017.

TOMMERDAHL, M., TANNAN, V., HOLDEN, J. et al. Absence of stimulus-driven synchronization effects on sensory perception in autism: Evidence for local under connectivity? **Behavioral and Brain Functions**, Carolina do Norte, v. 4, p. 19, abril de 2008. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2374789/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

WILLIAMS, D. Sensory issues and autism: an insider's guide. **Special Educational Needs**, Londres, Morethan just talking, 29 maio de 2014. Disponível em: <<https://senmagazine.co.uk/articles/articles/senarticles/an-insider-s-guide-to-sensory-issues-and-autism/>>. Acesso em: 6 set. 2017.